

OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS

CONSIDERAÇÕES SOBRE CLIMA E GEOGRAFIA NA NAMÍBIA

10 FEB 2026

1. A Namíbia possui um dos climas mais áridos da África, com chuvas escassas e irregulares, alta evapotranspiração e rios sazonais. Isso torna o país vulnerável ao aquecimento global e exige estratégias cuidadosas, especialmente na agricultura.
2. A chuva varia bastante conforme a região: menos de 50 mm no deserto do Namib, 250-350 mm no nordeste semiárido, 400-500 mm na região central e até 700 mm no extremo nordeste, perto da fronteira com Angola.
3. Apesar da habitualidade da chuva em algumas regiões, a maior parte dela evapora rapidamente. Em média, 83% retorna à atmosfera, apenas 2% vira escoamento superficial e só 1% recarrega os aquíferos subterrâneos.
4. O país está entre os 50 mais áridos do mundo. Regiões como o Namib se comparam ao deserto do Atacama, enquanto o Kalahari central lembra áreas semiáridas do Sahel africano ou do sudoeste dos EUA.
5. Mesmo as áreas mais úmidas da Namíbia recebem menos chuva que regiões tropicais do Brasil ou da Ásia. O sertão nordestino brasileiro é o equivalente mais próximo, mas ainda menos árido que certas zonas namibianas.
6. Diante disso, a Namíbia depende de água subterrânea, dessalinização e gestão rigorosa dos recursos hídricos. A eficiência no uso da água é prioridade para garantir consumo humano, produção econômica e agricultura.
7. Existem limites naturais que definem onde a agricultura de sequeiro é possível. Nas áreas mais secas, como o Namib e o Kalahari, apenas a pecuária extensiva adaptada à seca é viável.
8. A pecuária bovina é destaque nacional. O país exporta carne de alta qualidade, rastreável e livre de hormônios. A estatal MEATCO coordena o setor, e a Namíbia foi o primeiro país africano autorizado a vender carne vermelha para os EUA, além de ter a China como mercado estratégico.
9. O setor cresce com a introdução de raças premium, como o Wagyu. Apesar das limitações climáticas e estruturais, a pecuária gera empregos, valor

econômico e segurança alimentar, além de ter forte ligação cultural com o povo Herero.

10. Nas regiões centrais e do nordeste, onde chove mais (400-700 mm), é possível diversificar a agricultura com irrigação suplementar e hidroponia. Essas técnicas complementares ajudam a enfrentar a escassez hídrica, fortalecendo a segurança alimentar e a resiliência socioeconômica do país.
11. A agricultura consome cerca de 70-75% da água da Namíbia, mas contribui com apenas 5% do PIB, mostrando baixa eficiência hídrica. Cultivos como milho, sorgo e feijão sofrem muito em anos secos ou durante fenômenos como o El Niño.
12. Nas áreas costeiras e desérticas, onde quase não chove e a irrigação depende de aquíferos profundos, a agricultura convencional não é viável. Apenas espécies muito resistentes à seca, como milheto, sorgo, moringa, agave e sisal, podem ser cultivadas em pequena escala.
13. Em regiões hiperarídicas, plantas nativas sobrevivem naturalmente, mas não podem ser cultivadas em grande escala. Nessas áreas, a pecuária extensiva adaptada à seca continua sendo a principal atividade econômica.
14. Apesar das limitações agrícolas, cresce a indústria cosmética e fitofarmacológica, baseada em plantas nativas adaptadas ao clima extremo. Muitas produtoras são mulheres que utilizam espécies como baobá, marula, melão do Kalahari, mongongo e moringa.
15. Essas plantas são valorizadas por propriedades cosméticas e medicinais, como hidratação e nutrição da pele e cabelo. O melão do Kalahari, por exemplo, já conquistou mercados europeus devido ao seu alto teor de antioxidantes.
16. A indústria de cosméticos na Namíbia ainda está em fase inicial, porém. Enfrenta desafios como falta de tecnologia, pesquisa aplicada e estratégias comerciais, o que limita o crescimento e a competitividade internacional.
17. A maior parte da produção é voltada para exportação. Há poucas linhas exclusivas para a população negra, que é maioria no país, o que abre espaço para inovação e expansão, inclusive com oportunidades para empresas brasileiras.
18. A sustentabilidade agrícola depende de gestão integrada da água: monitoramento de aquíferos, controle da extração, reúso de águas tratadas, recarga artificial e dessalinização. Técnicas modernas de irrigação e conservação de solo são essenciais para reduzir perdas.

19. A resiliência agrícola ainda não é prioridade política. Faltam políticas de crédito e incentivos para manter jovens no campo. Analistas acreditam que futuras receitas do petróleo podem financiar políticas estruturantes e integrar energia e agricultura.
20. Fenômenos como o El Niño continuam sendo grandes desafios. O país carece de planejamento regional baseado em dados hídricos e pluviométricos. A escassez de estudos locais abre espaço para pesquisa e parcerias, especialmente com o Brasil.